

## Percepções, virtudes medicinais e outros usos da natureza americana em *El Paraguay Cathólico*, de José Sánchez Labrador SJ (1770)

Perceptions, medicinal virtues and other uses of American nature in *El Paraguay Cathólico*, by José Sánchez Labrador SJ. (1770)

Eliane Cristina Deckmann Fleck\*

**Resumo:** A obra *El Paraguay Cathólico*, escrita em 1770, pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador – durante seu exílio na Itália –, e cuja *Parte Tercera* apresentamos, permite, não apenas a reconstituição das estratégias de missão adotadas pelos missionários jesuítas e de seus êxitos ou insucessos, mas, também, a discussão das percepções que estes religiosos tiveram da natureza americana, e, ainda, das apreciações e das apropriações que fizeram dos saberes e das práticas das populações nativas junto as quais atuaram na América platina. Nela, o missionário, encarregado de realizar expedições exploratórias por seus Superiores, com vistas à evangelização dos nativos e à instalação sustentável de reduções, empenhou-se em apontar a abundância dos recursos hídricos e a fertilidade dos territórios que percorreu, as virtudes medicinais e outros usos de certas árvores e plantas, bem como a possibilidade de as terras serem exploradas tanto através da agricultura, quanto da pecuária. No presente artigo, abordamos as percepções de José Sánchez Labrador sobre a natureza que caracterizava os territórios da Província Jesuítica do Paraguai, bem como apontamos para os temas potenciais de investigação que emergem dos relatos que faz na *Parte Tercera d'El Paraguay Católico*.

**Palavras-chave:** *El Paraguay Cathólico*. José Sánchez Labrador. Natureza americana

**Abstract:** The work *El Paraguay Cathólico*, written in 1770, during his exile in Italy, by Jesuit priest José Sánchez Labrador in 1770, and whose *Parte Tercera* we present, allows not only for the reconstruction of the missionary strategies adopted by Jesuit missionaries and their successes and failures, but also for the discussion of these clergy's perceptions of American nature, as well as their appreciation and appropriation of the knowledge and practices of the native populations among whom they worked in the La Plata region. In it, the missionary, commissioned by his Superiors to carry out exploratory expeditions with a view to evangelizing the natives and establishing sustainable settlements, was committed to highlighting the abundance of water resources and the fertility of the territories he traveled, the medicinal virtues and other uses of certain trees and plants, as well as the possibility of the lands being exploited through both agriculture and livestock farming. In this article, we address José Sánchez Labrador's perceptions of the nature that characterized the territories of the Jesuit Province of Paraguay, as well as pointing

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Produtividade do CNPq (Pq2). Este artigo é resultado das investigações realizadas no âmbito do projeto "A natureza americana, por seus usos e percepções: Ciência e História em obras manuscritas e impressas de Botânica Médica e História Natural (América meridional, século XVIII)", que conta com o apoio do CNPq, através do Edital nº 09/2022.

out potential research topics that emerge from the accounts he gives in *Parte Tercera d'El Paraguay Cathólico*.

**Keywords:** *El Paraguay Cathólico*. José Sánchez Labrador. American Nature

## Introdução

A obra *El Paraguay Cathólico*,<sup>1</sup> cuja *Parte Tercera* apresentamos neste artigo, permite, não apenas a reconstituição das estratégias de missionação adotadas pelos missionários jesuítas e de seus êxitos ou insucessos, mas, também, a discussão das percepções que estes religiosos tiveram da natureza americana, em especial, de suas virtudes medicinais e usos para outras finalidades, e, ainda, dos saberes e práticas das populações nativas junto as quais atuaram na América platina.

O autor desta obra – José Sánchez Labrador – nasceu em La Guardia, cidade de La Mancha, no dia 19 de setembro de 1714 ou 1717. Ingressou na Companhia de Jesus em 5 de outubro de 1731, de acordo com Ruiz Moreno (1948), ou em 19 de setembro de 1732, segundo Sainz Ollero et al., (1989). Iniciou seus estudos de Filosofia no Colégio de Sevilha, interrompendo-os para viajar ao Rio da Prata em 1734, acompanhando o Padre Antonio Machoni. De 1734 a 1739, estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, concluindo sua formação no verão de 1739. Entre os anos de 1741 e 1744, atuou como professor na mesma cidade, dedicando-se, concomitantemente, aos estudos de História Natural.<sup>2</sup>

Assim, como muitos outros padres e irmãos jesuítas que o precederam nas terras de missão americanas, Sánchez Labrador não se dedicou, exclusivamente, à conversão dos indígenas, mas, também, ao estudo da fauna e da flora americana que observou nas diversas regiões da Província Jesuítica do Paraguai em que atuou como missionário. De acordo com seus biógrafos, entre 1747 e 1757, o padre jesuíta atuou junto às reduções de *Yapeyu*, *Trinidad*, *Jesús*, *Loreto*, *San Ignacio Mini*, *San Ignacio Guazu*, *San Cosme y San Damián* e *San Lorenzo*, convivendo, assim, com indígenas

---

<sup>1</sup> Os dois primeiros tomos do *Paraguay Cathólico* foram publicados em 1910, e constituem-se em valioso estudo etnográfico, que privilegia os relatos das viagens que o padre José Sánchez Labrador empreendeu e sua relação com os grupos indígenas e com os demais habitantes do Paraguai. Os manuscritos destes dois primeiros tomos podem ser acessados na Lilly Library. Disponível em: [http://webapp1.dlib.indiana.edu/findingaids/view?doc.view=entire\\_text&docId=InU-Li-VAD4779](http://webapp1.dlib.indiana.edu/findingaids/view?doc.view=entire_text&docId=InU-Li-VAD4779) Acesso em 03/08/2024. Acredita-se que Guillermo Furlong tenha utilizado apenas os dois primeiros tomos para escrever *Paraguay Cathólico. Los Indios Pampas - Puelches – Patagones* (1936), que pode ser consultada em: <https://archive.org/details/losindiospampaspooooosanc>

<sup>2</sup> Sobre a biografia do jesuíta, recomenda-se ver mais em BAPTISTA, Javier. In: O'NEILL; DOMINGUEZ, 2001, p. 3492-3493.

Guaranis, Zamucos, Chiquitos, Mbayás e Guaicurús. A partir de 1757, passou a atuar em *Apóstoles* (Santos Apóstolos ou Apóstolos São Pedro e São Pablo), tendo como companheiros os padres Lorenzo Ovando e Segismund Asperger, este último, reconhecido por sua atuação como médico e boticário.

Em 14 de agosto de 1767, quando regressava de uma viagem à região de Chiquitos, foi informado do decreto da expulsão dos jesuítas da Espanha e dos territórios ultramarinos.<sup>3</sup> Em 1768, chegou à Itália, se estabelecendo na cidade de Ravena, onde faleceu em 10 de outubro de 1798.<sup>4</sup> Durante o exílio, o jesuíta espanhol dedicou-se à escrita, deslocou-se para cidades próximas e manteve correspondência com outros religiosos exilados, o que possibilitou dirimir dúvidas, retificar ou confirmar suas observações ou memórias das experiências vividas na América.<sup>5</sup> Entre suas principais obras estão *El Paraguay Cathólico* (1770), publicada em 1910, *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776),<sup>6</sup> que tem alguns de seus tomos já

---

<sup>3</sup> Os jesuítas foram expulsos das áreas coloniais do Império espanhol em 1767 e suas propriedades foram confiscadas, em cumprimento ao Decreto de 27 de fevereiro, assinado por Carlos III. Na Terceira Parte d'*El Paraguay Cathólico*, se lê: “705: El viaje, que últimamente hice a las Misiones de los indios Chiquitos, puede verse en la segunda parte del Paraguay Católico. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, I, p. 222, sublinhado no original).

<sup>4</sup> Os padres do Vice-reinado do Rio da Prata deixaram as reduções entre junho e agosto de 1768. Foram levados em precárias condições para Córsega, de onde foram enviados, em sua maioria, para as cidades de Faenza, Ravena, Brisighella e Ímola. Em uma carta datada de 21 de agosto de 1768, de Puntales (Cádiz), encontra-se uma lista de 150 jesuítas que partiram de Buenos Aires, em uma fragata, chamada de *Esmeralda*. Sánchez Labrador estava citado entre os missionários que provinham da Província do Paraguai. (SAINZ OLLERO *et al.*, 1989).

<sup>5</sup> É consenso entre os historiadores que o jesuíta “realizou um dos mais amplos trabalhos sobre a natureza, a geografia e as sociedades da região platina colonial”, do que decorrem dúvidas e hipóteses sobre como redigiu tão vasta e detalhada obra, aventando-se que, mesmo que tenha podido levar consigo algumas das anotações feitas na América, a maior parte dos tomos da obra deve ter sido escrita a partir das memórias de suas experiências como missionário e como naturalista em terras americanas. (SAINZ OLLERO *et al.*, 1989, p. 108). Sabemos que “parte de los documentos de Sánchez Labrador quedaron en América (...) Quizá no conoceremos nunca cuántos escritos pudo llevar consigo Sánchez Labrador al exilio (...)”. Os autores, contudo, sustentam que “es la práctica certeza de que (...) pudo, a pesar de las órdenes de Bucareli, trasladar con él parte de sus escritos hasta su destierro italiano. No podemos dar una explicación cierta de las circunstancias que pudieron provocar esta permisividad extraña. Por lo que sabemos las condiciones de arresto en Asunción fueron mucho más benignas que en el resto de las ciudades del Río de la Plata” (SAINZ OLLERO *et al.*, 1989, p. 106). Para sustentar esta possibilidade, os autores recorrem a um trecho da Relação escrita pelo próprio Sánchez Labrador ao chegar ao Porto de Santa Maria, na qual o missionário jesuíta informa que havia feito “um viaje en descubrimiento de las Misiones de los Chiquitos (...) en nombre del Rey nuestro Señor y el excelentísimo señor Don Francisco Bucareli y Ursúa Theniente general y Governador de Buenos Ayres le pidió diário exsacto y mapa lo qual todo trabajó y entrego a sua Ex<sup>a</sup>. Quien ofreció remitirlo a su Magd. (...)”, apontando para “una relación algo especial entre nuestro autor [Sánchez Labrador] y Bucareli, que pudo significar una cierta permisividad a la hora de sacar algunos papeles no especialmente conflictivos (...)”. (SAINZ OLLERO *et al.*, 1989, p. 107).

<sup>6</sup> Sobre o *Paraguay Natural Ilustrado*, recomenda-se ver mais em: MOLINARI (1938); MORENO (1948); SAINZ OLLERO *et al.* (1989); MARTÍN MARTÍN; VALVERDE (1985); ASÚA (2014); FLECK (2015) e LAVILLA; WILDE (2020).

publicados e comentados por estudiosos de sua produção, e *Paraguay Cultivado* (1771-1798?).<sup>7</sup>

Para Sánchez Labrador, assim como para outros jesuítas, a expulsão teve, paradoxalmente, uma repercussão positiva sobre sua formação científica, uma vez que, “obligados a abandonar su labor misionera, se dedicaron a ordenar sus datos y a comunicar sus hallazgos y conocimientos a la luz de los avances científicos de la época [y de] la bibliografía que tuvo ocasión de consultar en esta ciudad italiana”, durante seu exílio em Ravena. (SAINZ OLLERO et al, 1989, p. 194) Este contato com a ciência europeia “del momento y los autores clásicos, constituye un aspecto fundamental de su obra, que se destaca por su erudición y enciclopedismo”, pois o jesuíta conhecia “la obra química de Robert Boyle, había leído a autores clásicos como Hipócrates, Aristóteles, Plínio, Galeno y Dioscórides, alguns árabes como Avicena y contaba con las principales obras médicas de los siglos XVI y XVII, como las de Aldrovandi, Mattioli, Vesalio, Ramazzini, Pisón”. (SAINZ OLLERO et al, 1989, p. 204)

Segundo os estudiosos de sua vasta produção, Sánchez Labrador pode ser considerado “un paradigma de toda aquella generación” de missionários jesuítas que atuaram na América platina no século XVIII, não apenas por seu extenso conhecimento da área missioneira, mas porque “nada escapó a su curiosidad, desde el clima, la geología, la botánica o la zoología” (SAINZ OLLERO et al., 1989, p. 101-102). Durante o exílio, além de ter adotado uma visão científica “en el sentido moderno de la palabra (...) una noción dinámica de las ciencias”, e, com um vigor ilustrado, descreveu “la naturaleza como objeto útil y detalladamente clasificable por

---

<sup>7</sup> Até recentemente, acreditava-se que o paradeiro da obra *Paraguay Cultivado* era desconhecido, uma vez que em 1878, o manuscrito havia sido leiloadado pela Casa Maisonneuve (ver Sainz Ollero et al., 1989). Em 2021, Franz Obemeier, contudo, localizou partes deste manuscrito na Hispanic Society, de Nova Iorque (EUA), e vem trabalhando em sua transcrição para publicá-lo e, assim, disponibilizá-las aos demais pesquisadores. Em relação ao *Paraguay Cultivado*, sabe-se que seus quatro tomos tratam de aspectos relativos às atividades da agricultura e da pecuária praticadas na Província Jesuítica do Paraguai, o que pode ser confirmado na Introdução do Segundo Tomo da obra *Paraguay Natural Ilustrado*, na qual Sánchez Labrador, ao tratar da divisão proposta por alguns estudiosos entre uma botânica prática e outra especulativa, menciona que: “algunos principios concernientes al cultivo, y labor de las Plantas, mas esto se hace como de pajo, reservando para otra obra, cuyo Primer Tomo, tengo ya escrito, el tratar de propósito de una materia tan importante, la cual se intitula Paraguay Cultivado (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772 (II), Livro I, Introdução: f. I). De acordo com Obermeier, não se pode afirmar categoricamente a data em *Paraguay Cultivado* foi redigido, embora se saiba que concebeu escrever as três obras interligadas, em um esforço enciclopédico. Ver mais em: OBERMEIER (2018; 2025); GRAMATKE (2024).

la investigación”, a partir de “una idea clara del progreso en las ciencias” (HUFFINE, 2005, p. 295-297).

Eles ressaltam, ainda, que suas obras se inserem na categoria de escrita de exílio, pois mais do que “relatar al mundo los éxitos y los sacrificios de los jesuitas como misioneros”, se propuseram a “ofrecer nuevos conocimientos relacionados con el saber natural”. (JUSTO, 2011, p. 163) Caracterizam-se, portanto, por integrar “un género particular”, por meio do qual os jesuítas exilados se opuseram a um conhecimento produzido sobre o Novo Mundo na Europa da Ilustração, que “carecía del fundamento de la observación y de la experiencia” (HUFFINE, 2005, p. 279-302) e, especialmente, à “la tesis de la inferioridad de la naturaleza del Nuevo Mundo, avanzada por Buffon y expandida por Cornelius de Pauw en sus *Recherches philosophiques sur les Américains*, publicado en Berlín entre 1768 y 1769.” (VIALE, 2015, p. 51)

De acordo com Franz Obermeier (2025, p. 3), *El Paraguay Cathólico* “es un documento de mayor envergadura sobre la historia de las doctrinas con fuentes históricas a modo de Diarios, imitando así modelos europeos como vemos por ejemplo en la obra de Pierre François Charlevoix sobre el Paraguay (1756).” Para Lopes de Carvalho (2025, p. 138), a obra pode ser enquadrada no gênero crônica – a exemplo de outras escritas por padres da Companhia de Jesus antes e durante o exílio –, sendo que José Sánchez Labrador teria terminado de escrevê-la em 1770. Nela, o jesuíta se dedicou a relatar “sua experiência de mais de sete anos como missionário entre os indígenas Eyiguayegui (também conhecidos como Guaicuru ou Mbayá) no *pueblo de Belén*, província do Paraguai.”<sup>8</sup> O historiador jesuíta Furlong (1931)<sup>9</sup> e,

---

<sup>8</sup> Para Lopes de Carvalho (2025, p. 144), “(...) o primeiro dos dois volumes impressos por Lafone, em 1910, começa com uma “Parte Segunda”, que contém um diário da viagem do padre Sánchez de Belén às missões de Chiquitos, escrito entre 1766 e 1767 (v. 1: 13-74). Segue-se uma ‘Parte Terceira’ com algumas discussões sobre os índios em geral (sua origem, cor da pele etc.) (p. 91-129). No restante do vol. 1, há 18 capítulos que tratam de diversos temas referentes aos indígenas Eyiguayegui (p. 130-317). O vol. 2 prossegue com o restante dos capítulos sobre os Eyiguayegui (capítulos 19 a 40), encerrando-se com um apêndice preparado pelo editor com excertos de obras de outros autores referentes aos povos indígenas tratados no livro (v. 2, p. 310-325). Em 1917, Lafone publicou parte dos materiais linguísticos de Sánchez Labrador sobre os grupos de fala Guaicuru como vol. 3, incluindo uma gramática, um catecismo e uma extensa lista de frases úteis na língua Guaicuru.”

<sup>9</sup> Para Furlong (1931, p. 287), a obra contaria com uma Parte primeira; uma Parte segunda (Índios Mbayás); uma Parte terceira (Índios Mbayás); uma Parte quarta (Índios Serranos); uma Parte quinta (Índios Chiquitos); uma Parte sexta (Índios Guaraníes) e uma Parte sétima (Índios Lules, etc.). Em estudo preliminar da publicação da parte intitulada *Paraguay catholico: harmonioso entable delas misiones delos indios guaranis Gobierno civil, polytico, militar y christiano de sus poblaciones, cuya relación sincera disipa las enormes calumnias divulgadas contra tales misiones*, Rubén Capdevila

mais recentemente, Franz Obermeier (2021; 2025), procuraram reconstituir o sumário d'*El Paraguay Cathólico* e o itinerário que as partes manuscritas que o compõem percorreram desde o falecimento de José Sánchez Labrador SJ. até a edição – por Samuel Lafone Quevedo – de parte da obra – em dois volumes –, no ano de 1910.<sup>10</sup> Em relação à estrutura observada por Sánchez Labrador na elaboração dos tomos d'*El Paraguay Cathólico*, “Lo que se reconoce (...) es una estructura conforme a las grandes regiones que refleja, también las estructuras administrativas de las misiones en la antigua Provincia jesuítica del Paraguay y regiones adyacentes.” (OBERMEIER, 2025, p. 19).

Neste artigo, nos valem da versão manuscrita da *Parte Tercera*, “que contiene las Naciones siguientes: I La de los Eyiguayeguis; II La de los Chanas; Varios viajes, y Diarios, y uma breve notícia de Cuiabá. Escrito por el Padre Joseph Sánchez Labrador. Misionero em la misma Provincia del Paraguay. Año de 1770” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 2), que se encontra disponível para consulta no Archivo Historico de la Provincia de Toledo de la Compañía de Jesús (AHPTSJ), localizado

---

(2022, p. 14-16) detalha o conteúdo de cada uma das partes, ressaltando, assim como já havia feito Furlong (1936, p. 7), que “No se conoce esta parte de la obra, pero es mencionada por Sánchez Labrador en la Introducción de la parte IV” e que La segunda parte y la tercera parte fueron publicadas en 1910 por la Universidad de La Plata, em dos volúmenes, bajo la portada: *P. José Sánchez Labrador. El Paraguay Católico*. Homenaje de la Universidad Nacional de la Plata al XVII Congreso Internacional de los Americanistas en su reunión de Buenos Aires, em Mayo 16 de 1910. Tomo I, Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, 1910. En 1917, fue publicado el tomo III, siempre bajo la dirección de Lafone Quevedo, incluyendo la parte lingüística referente a los mbyás, conforme a un manuscrito de la Biblioteca de Módena, copiado por Hernández, lo mismo que los anteriores, y que, según comprobó Furlong (1936, p. XLII) era autógrafo de Sánchez Labrador. La portada: *El Paraguay Católico (...)*, Tomo 3, 1917, Buenos Aires, Comp. Sud-Americana de Billetes de Banco, 1917. La parte del *Paraguay Católico* destinada a los Indios Serranos, fue publicada en 1936, bajo la siguiente portada: *Los Indios Pampas, Puelches, Patagones según Joseph Sánchez Labrador S.J.* Monografía Prologada y anotada por Guillermo Furlong Cardiff, S.J., 1936, Viau y Zona Editores/ Buenos Aires. La parte sobre los Indios Chiquitos del *Paraguay Católico*, que era la quinta, según Furlong (1936, p. XXXII) no es conocida. (...) La parte destinada a los *indios Lules* es de paradero desconocido.”

<sup>10</sup> Segundo Obermeier (2025, p. 24-25): “Lo que está seguro es que el Paraguay Cathólico ya se encontraba en la biblioteca de San Isidro en Madrid y pasó después de allí a la Real Academia de Historia de Madrid. Vamos presentar las evidencias para eso. (...) En la biblioteca de las Cortes había tres volúmenes del Paraguay Cathólico de Sánchez Labrador, provenientes de la biblioteca de San Isidro, según la descripción inserta en un catálogo anónimo de 1876 que lista el material de aquella biblioteca que más tarde pasará a la RAH, encontrándose: “cartonados y uno sin ferro. Incompleto” (N.N., 1876, 71). Evidencia que por lo menos la mayoría de esos tomos del PCatólico se encontraban en esa biblioteca y puede ser deducido indirectamente también de las viejas firmas de los manuscritos, cuando los mismos antes eran parte de la biblioteca de las Cortes y entraron en la RAH. Pero esas firmas se encuentran en cuatro tomos. En el año 1850 ese fondo pasó a la Biblioteca de la Real Academia de la Historia y del SL por lo menos llegaron los dos tomos que todavía se encuentran en esa colección.”

em Alcalá de Henares, na Espanha, para apresentar as percepções do jesuíta sobre as virtudes medicinais e outros potenciais usos da natureza americana.<sup>11</sup>

### “*Esto es escribir lo que se encuentra*”

Na Introdução d’ *El Paraguay Cathólico*, Sánchez Labrador se pergunta:

*¿que se ha de decir de la América? En esta parte del mundo se hallan Animales, cuya especie no se ha visto en otra parte del mundo. ¿Quién los condujo, y por qué caminos o de tierra, o de agua? Mejor fuera confesar, que lo ignoramos, tanto más cuanto apenas alcanzamos lo que tenemos patente a los ojos. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, Introducción, N. XXV, grifos nossos).<sup>12</sup>*

Em resposta ao questionamento que se encontra grifado no trecho acima, ele afirma: “Por esto, puede decirse lo primero, que la América se pobló de animales después del Diluvio, por alguno de los modos, con que dice San Agustín, que pasaron a las islas, de los cuales unos son naturales, y otros milagrosos.” E complementa:

*Es cosa probable, que la creación, y producción de los Animales, y Aves, no menos, que las de las Plantas, y árboles, se extendió en aquel principio, a todas las partes de la tierra. De este modo la Asia, la Europa, la África, y la América hubieron entonces, y hasta el tiempo del Diluvio producciones propias, según sus climas, y temperamentos. (...) Fuera de esto, Dios produjo variedad de animales según los diversos climas de varios países; por lo que unos fueron puestos en el Africano clima, tanto volátiles, como terrestres; otros en el Asiático, y el Americano, no menor que en el Europeo. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, Introducción, N. XXVI, grifos nossos).*

Em uma tentativa de descrever a natureza da região em que se encontrava atuando como missionário, o jesuíta adverte o leitor de que daria apenas “*una sucinta noticia del País, y de sus calidades estimables*”:

*Bien conocida es en su principio la cadena de cerros, que cortando la tierra, divide los dos famosos ríos Paraná, y Paraguay, dando a cada un jurisdicción muy dilatada. Extiende se la serranía del este hacia el Norte, formando hermosos valles, y una bella perspectiva de cerros, y colinas vestidas de bosque, a veces interrumpidas de grandes campañas a sus dos lados hasta tocar las orillas de los mencionados ríos. La tierra, que ahora describimos, es, la que correr de Sur a Norte por más de ciento, y cincuenta leguas, y de Poniente a oriente poco más de unas treinta, términos los más precisos del País de los*

---

<sup>11</sup> A versão manuscrita da *Parte Tercera* conta com 249 páginas de texto, dois mapas e dezenove ilustrações, que contemplam a flora, a fauna e algumas das práticas nativas que mereceram o registro do jesuíta.

<sup>12</sup> Importante observar que as palavras sublinhadas nas citações se encontram desta forma no manuscrito original que transcrevemos e apresentamos.

Guaycurus orientales respecto del río Paraguay. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 21, grifos nossos).

Dentre as “*calidades estimables*”, estava a existência de vários minerais, tais como cal, os cristais de rocha e o gesso, que podiam ser empregados para distintas utilidades, inclusive medicinais, como se pode constatar nas passagens que destacamos:

Lo que abunda en algunos parajes es la *Piedra de Cal*, especialmente en las faldas de los cerros (...) En otras partes de la serranía se hallan *cristales de roca bien grandes*, y de figura *exagona*; regularidad de esquinas, *que ha dado en que entender a los Naturalistas*. En unos cerros bastantemente altos se crían unas *pedras negras, y muy duras, de que antes hacían destrales, o cuñas hachas los infieles*. En otros cerros, y en sus caídas hay bastantes *Cocos de mina, o globos de piedra, que encierran dentro, como granos de Granada, los Ametistos*. En la orilla occidental del río Paraguay junto a una Laguna llamada Loyagadigo hay muchas *pedras, que parecen Bermellón natural*. (...) En las barrancas del río Paraguay a la orilla oriental entre los dos ríos Ieyuy, y Ipaneguaçu hay mucho *Yeso espejuelo*, y en otros sitios de la misma orilla *minas de una piedra blanca, que en la Asunción llaman Tobati, que diluida en agua sirve para enjalbegar, y blanquear como el mismo Yeso*. (...) Algunos inteligentes tienen a esta especie de tierra por una de las de Trípoli, y en la medicina sirve para los mismos usos, que la Amarilla. Es buena para revocar hornos de fundición, y formar crisoles porque resiste a la acción del fuego. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 21, grifos nossos).

Na continuidade, Sánchez Labrador menciona algumas plantas que já vinham sendo comercializadas ou utilizadas pelos nativos por suas virtudes medicinais ou outras aplicações, dentre as quais se encontram a erva e a salsaparilha:

*Esta Planta, que compone un ramo de comercio de los principales del Paraguay con el Perú, y Chile, no es Yerba como suena, sino la Hoja* de unos hermosos árboles, la cual se tuesta, y muele con prolijidad, y con muchos atrasos, y fatigas *se conduce a la Ciudad de la Asunción. La Yerba así beneficiada tiene mayor estimación por su limpieza, y vigor*. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 23, grifos nossos).

Viniendo del Matilipi hacia el Norte a distancia de unas diez leguas se halla el desagüe, llamado de los españoles Ipane Miri, al cual nombran los Guaycurus Niguigigi eliodi; (...) *porque aquí se crían los Juncos, de los cuales tejen las esteras, que les sirven de casa, como se dirá a su tiempo*. (...) El fondo de este río en partes es de piedra, y en partes de Arena. A sus orillas se cría mucha Zarzaparrilla, a cuya virtud en gran parte se atribuye la bondad del agua. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 23-24, grifos nossos).

Toda la tierra, que ocupan los Guaycurus en la orilla oriental del río Paraguay, además de los frecuentes ríos, esta esmaltada de muchas Lagunas de agua perenne. *Los nombres de estas, y sus propiedades quedan ya escritas en los Diarios de la Primera parte. Es cierto, que les sirven de mucho alivio a los indios las tales Lagunas; que sobre la bondad de sus aguas, les ofrecen Peces de buen gusto, y de varias especies. (...) por hallarse aquí mucha Yerba vidriera, de la cual quemada hacen los infieles sal, que llaman Nagatadi, y con qué sazonan sus rústicos Guisados.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 26, grifos nossos).

Ao abordar o clima da região e os efeitos sobre a saúde das populações nativas e sobre a natureza, o jesuíta observa que:

*El único lenitivo del Calor en estos climas son las frecuentes lluvias, y los vientos del Sur, y oriente, y el de Poniente cuanto más se inclina al Sur, y aparta del Norte. Las lluvias son regulares, y copiosas en los meses de verano. Rara vez por falta de agua se pierde lo sembrado. Si en el estío sopla el Sur, refresca con exceso el tiempo; y se hace preciso abrigarse más de lo ordinario. Es viento de malas calidades, y muy nocivo a la salud, causando obstrucciones, constipaciones, y catarros. Los Guaycurus en su idioma le llaman con el mismo nombre, con que significan el frío, esto es, Nuéétega. Sienten mucho los efectos de este viento; y así cuando sopla, se envuelven en unas mantas largas, y anchas, cosidas de pieles de animales, unas de las de ciervos, otras de las de tigres, y otras de las de una especie de zorras nombrada Cachoque. Tapan se con ellas de cabeza o pies.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 27, grifos nossos).

En esta estación del Año desde las 8. de la mañana hasta cosa de las cinco de la tarde *es cosa molestísima andar por el sol*; a la sombra se siente bastante templado el ardor. *Si dura algunos días este viento, y faltan las lluvias, las plantas se ponen muertas (...).* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 27, grifos nossos).

*La otra es, que en el tiempo de invierno, cuyo rigor se experimenta por los meses de Junio, Julio, y parte de Agosto, hace bastante frío.* Lo largo de las noches, las frecuentes lluvias, y los vientos del sur, juntamente con herir de los rayos del sol más oblicuamente, refrescan el temperamento de modo, que se ven bastantes días las escarchas, neblinas espesas hasta las siete, u ocho de la mañana, y tal cual vez principió de Helada. En este tiempo se hace sentir más el viento sudeste, acaso porque viene cargado de más sales, que arrancan en las cordilleras nevadas de Magallanes. Si faltan los vientos dichos, y soplen los Nortes, y Ponientes principalmente, queda el tiempo templado, y si duran, caluroso. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 29, grifos nossos).

Era el día 10 de Diciembre, en que aquí *los calores equivalen a los de la Canícula en España*. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 169, grifos nossos).<sup>13</sup>

A fertilidade do “País de los Guaycurus”, segundo Sánchez Labrador, se devia à abundância de recursos hídricos, como evidenciado nos trechos que grifamos:

*Todo el goza una amenidad permanente. Contribuyen a la fertilidad del terreno los muchos ríos, manantiales, y Lagunas, de que se habló antes, que le riegan, y dan vapores, que se forman en rocíos abundantes. En cualquiera estación del año se ven las campañas vestidas de verdes pastos, matizadas de plantas menores, y en gran parte recamadas de flores. La Yerba crece tan vigorosa, que hace molestos los viajes, sino se tiene la precaución de poner fuego a los campos. Los Bosques no se despojan de la frondosidad de innumerables árboles, cuya variedad, y lozanía pregona la bondad de la tierra, que los alimenta. Las plantas de vástago sarmentoso, y enredaderas, llamadas Nucapále, abrazándose con los troncos, y Plantas vecinas, componen entretejidos impenetrables, que son como otras tantas nubes de hojas, que opuestas al sol, embarazan a sus rayos el paso.*

(...)

*Con particular complacencia se registra el sabio esmero de la Naturaleza, con que en sus clases, y puestos distribuyó las Plantas. Las orillas de los ríos producen arboles silvestres de varia contextura, y Cañas bravas de desmedida altura. En los Bosques, que casi ocupan todo el terreno hay árboles para fábricas, y otros usos de corpulencia peregrina. En campañas abiertas, en las cejas de las selvas, y en su centro al abrigo de otras plantas, desvelan las Palmas de muchas especies.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 4, p. 30, grifos nossos).

O jesuíta continua a descrição, afirmando que “A una Gente totalmente entregada al ocio en cuanto al cultivo de los campos, *la Naturaleza dispuso regalados manjares en las referidas Palmas*. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 4, p. 30, grifos nossos). E que, apesar de seu tronco ser inútil, quando “cortado destila un jugo dulce, que si se pone al fuego a dar un hervor, toma punto de miel. También secan las fibras, de que consta casi todo su interior de alto a bajo, las muelen, y sacan una harina parda de buen gusto.” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 31, grifos nossos). Ressalta, ainda, que são muitas as iguarias, “que consiguen los infieles de esta Palma,

---

<sup>13</sup> No terceiro e no último livro do primeiro Tomo do *Paraguay Natural Ilustrado*, Sánchez Labrador afirma que as enfermidades mais comuns na Província Jesuítica do Paraguai decorriam do clima quente e úmido de algumas regiões do Paraguai, que se encontravam no que ele denominou de “Zona Tórrida”, que causaria alterações nos humores do corpo humano, aponta para a relação entre clima e certas enfermidades – evidenciando a apropriação de pressupostos da teoria hipocrático-galênica.

*sin que tengan que envidiar a Philipinas sus Cocos, ni el Murechi a el Orinoco.”*  
(SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 33, grifos nossos).

As comparações com plantas ou ingrediente conhecidos prosseguem nas páginas seguintes, como se pode constatar nesta passagem em que o jesuíta informa que “En los troncos antiguos de estas Palmas se crían unos Gusanos blancos, gruesos, y largos como el dedo índice. *No hay mantequilla de Flandres más gustosa.”* (SÁNCHEZ LABRADOR 1770, p. 34, grifos nossos). Na página seguinte, Sánchez Labrador volta a mencionar a fertilidade do território e os possíveis usos da natureza, em especial, de algumas árvores:

*A de más de las referidas Palmas, enriqueció la Naturaleza este País con todas las Plantas, y muchas más, que aprecian los españoles, así para las fábricas, como para el entretenimiento del gusto con sus silvestres frutas. Los Guaycurus, Gente del todo abstraída de la Agricultura, y Economía, satisfechos con sus esteras, Caballos, y Casa, no aprovechan las maderas, ni la mayor parte de los frutos. Después, que habitamos entre ellos, han conocido que hay muchas cosas en sus tierras, que antes no les merecieron los cristianos las comíamos sin recibir en la salud menoscabo. (...) Es cosa cierta, que el País está poblado de muchos árboles, distintos de los de Europa, en corpulencia, y en especies. Unos refunden todo su vigor en formarse tan grandes, y consistentes, que pueden servir para capaces edificios. Otros añaden a su grandeza la excelencia de las Resinas, y Gomas, que resudan sus fragrantés maderas. Raro de estos árboles brinda al paladar con frutos deliciosos, contentándose con servir al olfato, y otros menesteres con sus jugos oleosos, y firmes troncos.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 35, grifos nossos).

Em relação a certas frutas, o jesuíta destaca suas virtudes medicinais e suas potenciais indicações em certas enfermidades:

*Lo que más importa es, que la fruta [Estas frutas llamadas de los Guaycurus Notique], o en conserva, o sola administrada a los que padecen lubricidad del vientre, les es un buen remedio. Apaga los ardores del estómago, y paladar. La Aloja, que se exprime de su jugo, y fermenta, sirve para los mismos usos, quando es reciente; porque si es antigua se hace caliente, y menos adstringente.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 36, grifos nossos).

Algumas páginas adiante, Sánchez Labrador volta a mencionar que “*En los Bosques de este País siempre verdes se mantienen de frutas, de miel, y de huevos de los Pasaros varias especies de monos, tan distintos en los colores como en la corpulencia.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 68, grifos nossos).

Além de indicar ao leitor onde poderiam ser encontradas maiores informações sobre virtudes e usos das plantas, árvores e frutas que estava mencionando, Sánchez

Labrador refere autoridades que poderiam ser consultadas e, conseqüentemente, o conhecimento que tinha da produção de outros autores, como pode ser observado nos trechos em destaque:

*En el Diario de mi vuelta de los Pueblos de los Chiquitos, y en otras partes de esta obra se hallarán las diferencias de estos árboles, y el modo con que por decocción extraen la tinta, o encarnada, o azafranada. Según todas las señas, que escriben los Autores de la Cúrcuma oriental, esta no se distingue del Nibadenigo: por consiguiente, no es error, / aunque de tal le califiquen los enciclopedistas verb. Cúrcuma / que hay dos especies, una de color, que tira a rojo, y otra a Azafranado. En las dos especies el color de las raíces no es azafranado, y no se los cuece con el tiempo (...).*

*La tintura, extraída de los granos, bebida en agua natural sirve contra varios venenos; es de buen gusto, algo amarga, y con una punta de aromática. Teñidos los calabazos con esta tinta, permanece el color por mucho tiempo. La raíz cocida, o hecha polvos, y mezclada en los manjares, sirve de buen Azafrán, y les da un sabor agradable. De la corteza del árbol se hacen cuerdas de mayor fuerza, que las de cáñamo. Otras particularidades pueden verse en Francisco Ximenez, y Pisón. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 37, grifos nossos).*

O mesmo pode ser constatado na descrição que o jesuíta faz do *Palo santo*, de *los preciosos árboles del Bálsamo e de los árboles Sasafrás, y Campeche*, sendo que fica evidenciado o conhecimento tanto de obras publicadas por naturalistas, quanto de informações que circulavam entre a América espanhola e a portuguesa:

*Créanse en los Bosques otros árboles especiales. Hay muchos Guayacanes, o Palos Santos. Los Guaycurus los llaman Clegígo. *Hablamos ya de ellos en la descripción del Chaco, y en los Diarios. Las virtudes de estos árboles están publicadas de muchos Naturalistas. Dan fruto bastantemente semejante a las ciruelas, aun en el color amarillo. El Palo Santo no es especie de éban, como creyó el ilustrador de Dioscórides Andrés Laguna / Lib. 1. cap. 109. / aunque convenga en tal cual cosa con dicho árbol. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 37, grifos nossos).*<sup>14</sup>*

*Del llamado Nacaligigo, de cuya Goma hacen pelotas de un resorte admirable, puede verse el segundo Diario. Palos que dan tintes Amarillos muy finos, tienen por lo menos de tres especies. La una, y*

<sup>14</sup> No terceiro livro do Tomo II do *Paraguay Natural*, ao tratar sobre o *Palo Santo* ou *Guayaco*, Sánchez Labrador relata as várias formas de sua utilização pelos indígenas: “Los indios se sirven de la decocción del Palo Santo en sus dolores de estómago, que nacen de [frío]. Por hervor de las astillas se saca resina abundante. De la qual, y se la que sudan los árboles, se valen las infieles indias Mbayas para dar berniz negro lustroso a las bocas de los cantaros, en que tienen agua, y a otros utensilios. No comunica mal sabor al agua; porque, aunque es amarga, participa de algún dulce, como el del orozuz; y quando se endurece no la deslié el agua, ni se percibe su amargor. La carcoma del Palo Santo, puesta sobre las llagas, aunque sean envejecidas, las límpia, y cura.” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro III, p. 189)

de más corpulencia produce un fruto en su figura, y sabor muy parecido a las Moras, aunque su color es pálido amarillo. *Se hallan los preciosos arboles del Bálsamo cómo el del Brasil, y otros de resinas, y aceites olorosos, y muy eficaces para curar heridas, y otros accidentes, que afligen a la Naturaleza. (...) Tienen también en sus tierras los árboles Sasafrás, y Campeche, aunque ignoran sus utilidades. Del último suelen labrar Postecillos, que clavan en tierra, para colgar sus trastitos, y pobres ajuares.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 38, grifos nossos).

O recurso narrativo das comparações das frutas americanas com frutas européias conhecidas dos potenciais leitores é bastante acionado por Sánchez Labrador, como se pode constatar nas passagens que grifamos:

*Para remate del asunto de árboles, pondré dos, cuyas frutas, son muy estimadas de los Guaycurus. Antes de estar con ellos los Misioneros, no las comían, mas después que les tomaron el gusto las buscaban con ansia. Al uno llamaron Ipequenig-igo. Es árbol alto, corpulento a proporción, y bien dispuesto; su corteza de color blanquecino, y no muy gruesa. La madera de color veteado de encarnado apagado, y blanquizco, dura, correosa, y buena para varias labores. Las hojas son pequeñas, y que rematan en punta, y olorosas casi como las del arrayan: su color un verde claro lustroso. La flor es pequeña, blanca (...) casi al modo de las Guindas. Carga muchísimo de fruta del grandor de una cereza, y cuando madura de color casi negro con una pelusita casi imperceptible, cada frutita, o cereza esta coronada de cinco hojitas, como la Granada. (...) Son blandos, y pueden masticarse, mas su sabor tira a amargo con algo de adstringente. Esta fruta se come cruda, y tiene el sabor de cerezas. Puesta en infusión con un poco de agua fermentada, y se hace una Aloja vinosa, que dura bastante tiempo, y es muy gustosa. Pasándose de punto, se vuelve en vinagre bueno, y usual.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 38, grifos nossos).

No es inferior en lo útil de su fruto el Notiquiguagigo. Crece muy derecho su tronco, y con hermosa proporción de mayor a menor en lo grueso desde que sale de tierra hasta la copa. *La corteza es blanquecina: el leño blanco, algo esponjoso, y lleno de un zumo blanco, como el de las Higueras.* El corazón es del todo fofo, y cuando se seca, se quita con facilidad, y queda hueco el tronco. *Este sirve entonces para cajas de tamborilillos, y algunos Españoles industriosos hacen bellas colmenas para las Abejas, que crían en su Heredades.* Por todo el tronco, y ramas se forman unas espinas de bastante dureza, cortas, y delgadas. Los ramos están alrededor colocados con poco orden a la vista, solamente, que los superiores, queda formada una pirámide. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 38-39, grifos nossos).

*(...) El fruto es bastante parecido a un Pepino pequeño. Cuando está maduro toma un color naranjado en lo exterior, y en lo interior de la*

carne blanco pálido. *En esta pulpa, o carne están entreverados muchísimos granos, como los de trigo, pero muy blandos, y de ningún sabor.* Madura del todo la fruta, se cae por sí misma, y se come cruda, cocida, y de mucho mejor gusto es soasada. No daña, aunque se coma en abundancia, y es de muy fácil digestión. Antes de madurar está llena de un humor lácteo, que punza algo la lengua, si la toca, aunque sin especial sensación, o resulta caustica. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 39, grifos nossos).

As aproximações se estendem a outras árvores e o detalhamento das descrições atesta a observação feita *in loco* pelo jesuíta, como evidenciam as passagens abaixo:

Es un árbol alto, bien formado; tiene la corteza blanquizca; las hojas pequeñas, y de figura de lanza, bien ordenadas, y de un verde claro muy agradable, y lustroso. *La flor blanca, pequeña, y de cinco hojas, de la figura del Naranja. El fruto es muy parecido a las cerezas, y como estas, esta arracimado en un pinzoncito principal, del cual salen tres, o cuatro, de los cuales inmediatamente pende el fruto. Cuando maduro tiene el color de las cerezas, algo más obscuro. Tiene una coronita de hojas que tiran a amarillas, casi como en la Granada. El hollejo es algo duro, parecido al de alguna especie de uvas.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 163-164, grifos nossos).

En algunos sitios había muchas plantas, de las que en Curuguati llaman Guabira miri, y los Mbayas Ipequeni. Es una mata hermosa, que se levanta como una vara. *Las hojas puntiagudas, de color verde obscuro, y muy olorosas, parecido el olor al de la sidra, aunque menos intenso. La fruta es parecida a una ciruela redonda, y con su corona de hojitas; el color amarillea cuando madura.* (...) y la planta son tan olorosas como la flor. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 164, grifos nossos).

Había muchas plantas de aquellos arbolillos, llamados en Guaraní Iba arò miri. *Sus hojas son como las del Laurel, y muy fragrantas. Con ellas dan olor muy suave a la Yerba del Paraguay los Neófitos del Pueblo de San Cosme, y San Damián.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 196, grifos nossos).

São recorrentes as vinculações entre a fertilidade e a diversidade da natureza americana e a sabedoria do Criador, como nestes relatos nos quais exalta também sua beleza e utilidades:

*Arrebata al entendimiento hacia el benéfico criador, la hermosura de tantos árboles, en que se esmera su sabia Providencia. Sin embargo, la contemplación de la variedad de plantas menores, sobre no ser de menor atractivo, hace al parecer, que brille más la mano omnipotente, que las cuida.* Los cerros, prados, y campañas, los Bosques, y riberas de las aguas están llenas de utilísimas Yervas, y plantas menores de propiedades singulares. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 6, p. 39, grifos nossos).

83. Sin duda es prodigiosa la fecundidad de la tierra tanto en las plantas, que de suyo produce, cuanto en las que con muy poco cultivo da en abundancia para el sustento, y vestido. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 45, grifos nossos).

Sánchez Labrador destaca as virtudes medicinais de “*una Yerba, llamada por el color, que sobresale en sus hojas, la Plateada*”

Crece en sitios bajos, y húmedos. Su raíz no es una sola, sino un manojo de raíces, que en algunas pasan de treinta; unas tienen como un jeme de largo, otras son más cortas: el grosor de cada una regularmente no excede el de una pluma de escribir. (...) El color exterior de la raíz tira ha Azafranado obscuro con alguna mescla de blanco: el interior es más obscuro. *Masticada la raíz deja un saborcito amargo con algo de aromático, y adstringente. En secándose es muy vidriosa, y el color interior se pone pálido.* (...)

*La virtud de esta bella Yerba se manifiesta en la prontísima curación de las heridas frescas, y de las llagas, aunque sean inveteradas. Cuece se toda la Yerba; lavan se las llagas, o heridas con el cocimiento, y sobre ellas se aplica la Yerba en forma de emplasto. La limpia, impide la putrefacción, y a pocas repeticiones las sana del todo. También, bebiendo su cocimiento con un poco de Azúcar, es remedio eficaz en los afectos de los Pulmones, y Pecho, originados de llagas internas.*

(...)

*Andrés Mathiolo hace mención de otra Yerba Plateada, o Argentina, la cual en sus facultades conviene con la Plateada Paraquaria; pero en lo demás es muy diversa. Pongo el método que prescribe este Autor para administrar su Argentina, porque acaso podrá servir para aplicar la Plateada.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 42-44, grifos nossos).

Na continuidade, refere uma planta assemelhada ao açafraão e também um bálsamo, apresentando não apenas suas virtudes medicinais, mas também outras formas de serem empregadas, inclusive, como mercadoria de troca:

*Otra planta es muy común en sitios bajos, y húmedos, o cañadas cenagosas de este País, que suple muy bien la falta del Azafrán. Lllaman la los Guaycurus Logoguigo.* (...) su color es azafranado; y efectivamente sirve para dar color, y sazón a los Guisados en lugar del Azafrán. Seca, se guarda por mucho tiempo, y conserva su color, y virtud. Para condimentar los manjares o se machaca; o se muele, y así se pone en ellos en cantidad moderada. *Con el cocimiento de estas raíces dan a la Lana, o Algodón un tinte naranjado muy bello. En las enfermedades se administra como caliente, y diurética.* Los Guaycurus cuando conocieron el aprecio, que hacían los Españoles de estas raíces, *las llevaban a la Ciudad de la Asunción, y las vendían a trueque de rescates, y otras quinquillerías, que son de su agrado.*

(...)

La planta, que ya explico, da un bálsamo, muy eficaz para curar llagas, y heridas. (...).

(...) El Bálsamo se extrae por cocimiento. Quebrantan se las raíces, y así se ponen en agua clara; a esta se la da un buen hervor, y sueltan las raíces el licor balsámico, que nada sobre el agua. Recoge se con una cuchara, y se guarda para los usos, *cura toda especie de heridas, y llagas. Es muy anodino, y a propósito para escozores, grietas, quemaduras, y excoriaciones de cualquiera parte del cuerpo. Sirve también en algunos males de los ojos. A las heridas se aplica, habiéndolas primero limpiado bien, y apuntándolas si son grandes.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 43-44, grifos nossos).

Dentre outras plantas, menciona também “*La que llaman los españoles Batatilla*”, informando que:

Sus tallitos son redondos, y de bastante consistencia, con nudos junto a las hojas. Estas son larguitas, y angostas de color verde claro. Nacen las flores en la punta de un tallito, que sin hojas se levanta como media cuarta. La flor es un botón de florecitas blancas, y parecen unos canutillos. La raíz es larga, y delgada: en esta a trechos se forman unos Botones, que parecen Batatas chicas: su color es blanco apagado, y el sabor un poco amargo. *Cocidas estas batatillas, machacadas, y puestas sobre las heridas, y llagas, es medicina feliz, y experimentada. Aprovechan también en las cámaras de sangre; para esto, se machacan, y puestas en agua tibia, se beben. También se cuecen en agua, y se toman con un poco de azúcar; así sirven para arrojar la sangre extravasada por causa de alguna herida penetrante. Pero se ha de tener la cautela de tomar en pie dicho cocimiento, porque hace expeler con mucha violencia la sangre por la boca. Estando el paciente sentado, se precave también este inconveniente. Se administra con feliz suceso en calenturas, y dolores del cuerpo. Resuelve, y hace expeler por las vías naturales los Apostemas, y sus materias. Es un singular contraveneno, continuándola hasta que no salga sangre por la boca. Cura con eficacia el mal del Brasil.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 44-45, grifos nossos).

Ao referir-se “*aquella planta famosa, a la cual los indios Guaraní llaman Güembé*”, o jesuíta não deixa de esclarecer que “*Esta es, y de la cual se habló en otra parte*” e que nesta parte iria tratar de “*las cortezas del Güembé puestas sobre brasas, [que] recibiendo su exhumaría las personas que padecen flujo de sangre sanan, porque ataja el flujo sanguíneo.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 46, grifos nossos). Na sequência, ele informa que “*Hay muchas especies de cardos silvestres. (...) Es planta muy parecida a la que produce la Piña Americana, conocida también por el*

nombre de Ananá.” Acrescenta que “Su cualidad es fría, y lubrica”, que “Tiene admirables virtudes”, podendo ser também empregada para outras finalidades:

*El jugo de la fruta en medida de una cucharada, mezclándole un poco de azúcar, se da a beber a los Niños, y los livra de las Lombrices, y del escorbuto de la boca. Aprovecha también a los que padecen calenturas, causadas de la flema salada. Provoca los menstros, y las aguas con exceso, sino se tiene cuidado en la dosis. (...)*

*Del mismo fruto se compone una especie de vino, tan fuerte que fácilmente embriaga; más si se usa con moderación, es bueno; si con exceso, enciende la sangre. También poniendo el fruto en agua, y dándole un hervor, sale un caldo muy suave al gusto; y si se le da punto, parece miel. Entre los dátiles, y cerca de la raíz resuda una Goma cristalina, muy singular para barnices. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 46, grifos nossos)*

Con el dicho designio en varios días salí ya a un rumbo, ya a otro por bastantes leguas. Para de pronto se encontró lugar, y lugares a proposito para el intento. *Lo particular, que noté en dichos registros del terreno fue lo siguiente. Árboles de todas las especies, que se hallan en la Provincia del Paraguay, buenos para fábricas, y otras obras. También muchas Yervas medicinales. Muchos frutales silvestres* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 35, p. 163, grifos nossos)

Também a *Virga Aurea*, a *Suelda Consuelda*, o *Ruibarbo*, a *Copaíba* e a planta *Sangre de Drago* mereceram a descrição de Sánchez Labrador, que ressalta suas virtudes medicinais, outras aplicações e semelhanças com outras plantas conhecidas pelos europeus, como se pode observar nos trechos que grifamos:

En campañas abiertas se descubre en grande abundancia la que llaman *Virga Aurea*. *Su flor reducida a polvos, y en cantidad de peso de un real de plata puestos en un huevo pasado por agua y tomados por los que padecen retención de orina, es eficaz remedio. Toda la planta cocida, da un tinte hermoso amarillo al Algodón o Lana. (...)* Mantenido, y abrazado en las escabrosidades de las cortezas antiguas de los árboles, desde el suelo se eleva la *Suelda Consuelda*. *Su virtud en reunir quebraduras de los huesos, y de los Niños, es tan cierta como continuamente experimentada.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 46, grifos nossos)

*Cerca del Ipane miri en su orilla del Norte crece mucho Rabárbaro [Ruibarbo], tan bueno como el Alexandrino. Es muy semejante a este en el sabor, color, y olor, substancia, y virtud purgante. La única diferencia del Rabárbaro americano del otro consiste en las hojas. Las del Alexandrino empiezan angostas, y rematan anchas; más las del Americano acaban en punta como la de los Lirios. Si no fuera esta tan pequeña diversidad, no se diferenciara el uno del otro. En otros sitios del Paraguay, especialmente en Belén, en las tierras del Pueblo de San Estanislao, y en la Cordillera, también se halla en abundancia esta útil planta. (...)* Para utilidad de todos pondré lo que

de esta raíz Paraguaya escribe uno de los más experimentados Físicos. El Rabárbaro Americano consta de partes sutiles, que son las que mueven la evacuación; y de otras más gruesas, y adstringentes. Para usarla se exprime su jugo, y en medida de una dracma y media, se bebe: las heces, o poso se toman en la misma cantidad como medicina adstringente del vientre. Si se quiere usar sin el trabajo de exprimir el jugo, o zumo, se toma el peso de dos dracmas, si los dolientes son fáciles en evacuar. De este modo limpia la cólera. *La raíz se conserva como la del Mechoacán, y Xalapa, de que también tenemos abundancia.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 153, grifos nossos)<sup>15</sup>  
(...)

En Belén (...) Hay Cupayes, que son los Copaibas, o arboles del Bálsamo del Brasil. Dragos, cuya resina se llama Sangre de Drago, y otros muchos útiles para varias obras. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 154, grifos nossos)<sup>16</sup>

Na descrição que faz da *Canchalagua*, Sánchez Labrador destaca suas virtudes medicinais e os modos de preparo, estabelece comparações e tece comentários sobre as informações dadas sobre esta planta por um reconhecido médico espanhol:

*Criase mucha Canchalagua en nada inferior a la de Chile. (...) Lo que jamás creeré es, que la Canchalagua americana sea la centaura menor europea, como lo afirma Don Francisco Rivera [Ribera], amontonador de especies con poca critica. No se hubiera ocultado esta identidad a tantos Herboristas hábiles, que, en nuestros tiempos, y en los del referido Autor han dado a la prensa sus observaciones Botánicas. Las virtudes son más, que las que ordinariamente se le atribuyen. Sirve la Canchalagua para las paridas, cuando no acaban de arrojar presto las secundinas. Dárseles a beber su cocimiento con feliz suceso. Administrase del mismo modo a los que han recibido algún golpe, o dado caída; e impide que se quaxe [sic] la sangre extravasada. Es un buen remedio contra las heridas. Cuece se, y con su agua se lava primero la herida, y la rama machacada se aplica sobre la parte dañada. Si no hay tiempo de cocerla, se justa, o soasa un poco al fuego, y se aplica como emplasto a la herida. En los párrafos de las plantas de este País, dejamos dicho de otras muchas sus excelentes calidades. Lo cierto es, que el que las conociere no tendrá necesidad de las composiciones de las Boticas.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 156, grifos nossos).

---

<sup>15</sup> Em uma das menções feitas ao ruibarbo no segundo tomo do *Paraguay Natural Ilustrado*, Sánchez Labrador deixa bastante evidente que algumas das informações veiculadas na obra lhe foram repassadas por informantes: "Dixome, que se las había hecho conocer un P. Missionero, inteligente de plantas, y aun que pronunció mal, como suelen los nombres estrangeros, pude perceber, que quería decir Ruibarbo". (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Introdução, f. num. I).

<sup>16</sup> Na Parte Segunda do *Paraguay Natural Ilustrado*, o jesuíta destaca como virtudes da copaíba as de "Provoca[r] la orina, apaga[r] su ardor, y limpia[r] las cosas ensangrentadas, sucias, y podridas del vientre, que la detienen". (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro II, 139)

Concomitantemente ou um ano depois, Sánchez Labrador deu início à escrita dos tomos do *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776). No primeiro tomo, o jesuíta, reafirmaria o propósito das descrições da natureza americana já feitas no *Paraguay Cathólico*:

*Es verdad, que aun la História Natural de un solo País es un sugeto de bien vasta extensión, por lo respectivo a sus materiales: por lo que en su descripción se hace indispensable grande cuidado, y circunspección en la pluma. (...) Nuestro empeño no se puede extender, por falta de talento, a tanta universalidad; nos hemos ceñido a ilustrar la Naturaleza de un País, tan poco conocido por sus producciones naturales (...)* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1771, Tomo I, p. Num. I, grifos nossos)

O jesuíta esclarece, ainda, que em *La Ilustración del Paraguay Natural*, diferentemente do que havia sido exposto n'*El Paraguay Cathólico*:

*se puede mirar como un Resumen de especies, y conocimientos, que pueden traer grandes utilidades. Y cierto, que no es la de menos importancia ahorrar de gastos, en comprar Drogas, y materiales conducidos de Europa, las más de las veces dessubstanciados, y siempre a subidos precios. El Paraguay es sus Producciones es suficientísimo a sí mismo, y puede también abastecer (como de su famo[sa] Hierba) de cosas muy provechosas al Perú, y la España.”* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1771, Tomo I, p. Num. V, grifos nossos).

No texto de Introdução do Tomo I da obra, no subtítulo “*Idea extravagante, que algunos forman de los Americanos*”, Sánchez Labrador afirma que os nativos tinham o grande privilégio de poder contar com a natureza, que não lhes deixava faltar nada. Eram abastecidos, por obra de Deus, com raízes e frutos para comer, rios e lagoas cheios de peixes e aves e outros animais:

*Aun entre las Naciones Infieles hay algunas labradoras: hacen sus sementeras en rozados, y cosechan suficientemente legumbres, calabazas, batatas, mandioca, y otras cosas comestibles; ni les falta algodón, de que tejen algunas cosas; ni tabaco, que tienen por su delicia.”* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1771, Tomo I, Introdução, p. VII, grifos nossos).

Assim como ressaltado n'*El Paraguay Cathólico*, o jesuíta reafirma, na Introdução do primeiro tomo do *Paraguay Natural*, que “no hay razón porque se niegue a la operación Divina”; “que el Auctor dellos montes colados, y vales, es solo el Omnipotente” e “con la misma provida sabiduría dispuso el Omnipotente las desmesuradas alturas”. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo I, Livro I, p. 10-24, grifos nossos) No mesmo Tomo, encontramos um subcapítulo intitulado “*Frutas*

*buenas y modo de usarlas*”, no qual reaparecem informações já dadas pelo jesuíta na Terceira Parte d’*El Paraguay Cathólico* que analisamos neste artigo:

(...) *con buenos efectos se comen las ricas frutas que produce este País. Duraznos de todas especies, manzanas, limones, cidras, Naranjas de la China, Granadas, Membrillos, Mbarucuyas, o Granadillas, y otras semejantes. Las Piñas, o Ananás con moderación, sandías, melones (...) Porque todas estas cosas ayudan grandemente al hígado, con tal que estén sazonadas, o perfectamente maduras. Las Pacobas, tomadas con discreción, son saludables: y también el zumo de las cañas dulces, que refresca la sangre, y fortifica el estómago. En orden a estos frutos se ha de procurar, a más de su total sazón, el cogerlas cuando ya el sol, ha hecho exhalar de ellos los vapores nocturnos. También, a excepción de los adstringentes, es mejor comerlos antes de otros alimentos, y no después de ellos. Porque habiendo muchos de sustancias leves fácilmente se corrompen, y dañan principalmente a los de estómago destemplado, y débil.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1771, Tomo I, Livro III, 532, grifos nossos)

Já na Introdução do segundo tomo do *Paraguay Natural Ilustrado*, que versa exclusivamente sobre Botânica, Sánchez Labrador refere-se à divisão entre uma botânica prática e outra especulativa proposta por alguns estudiosos e menciona que: “algunos principios concernientes al cultivo, y labor de las Plantas, más esto se hace como de pajo, reservando para otra obra, cuyo Primer Tomo, tengo ya escrito, el tratar de propósito de una materia tan importante, la qual se intitula, *Paraguay Cultivado*”. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Introdução, f. num. I, grifos nossos)

Ressalta, ainda, sob uma perspectiva utilitarista: “(...) si se mira bien, verá el lector, que no se trata aquí de dar una noticia ayuna y enjuta de las plantas del Paraguay (...) se trató de formar una Botánica, de las que produce este país, considerado hasta ahora con casi ningún cuidado y empeño” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Introdução, f. num. I, grifos nossos). Ele não deixa de ressaltar que o *Paraguay Natural* estava orientado “*por la utilidad de las noticias para los usos de la sociedad humana, que servirán no poco en estas Provincias del Paraguay, a lo menos para que sus habitantes aprecien las producciones desas tierras, y puedan utilizarse de ellas*”. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro VI, 358, grifos nossos).

Assim como já anunciado n’*El Paraguay Cathólico*, o jesuíta menciona a diversidade de plantas e de suas virtudes medicinais no tópico “*La utilidad, y usos de las Plantas*” do Tomo II do *Paraguay Natural Ilustrado*, ressaltando a ação divina:

Devese observar, *que Dios en la producción de las Plantas se acomodó a la varia cualidad de las Tierras, de las estaciones del año, y de los climas, que de la próxima formación del sol se habían de derivar. Ni puso en todos los países todas las Plantas, ni las produjo en todos en un mismo estado. De aquí es, que la America, y el Paraguay producen sus plantas propias, distintas, y diversas por lo general de las de la Europa, África, y Asia. De esta hermosa variedad no hay más razón que haverlo así querido, y dispuesto el Author de toda la Naturaleza.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro I, 6, grifos nossos).

No Livro VII, no capítulo intitulado “*Algunos Usos Utiles, y Curiosos*”, Sánchez Labrador volta a esclarecer que:

*En el discurso de los Libros precedentes en esta Segunda Parte del Paraguay Natural se han puesto muchas utilidades, con que brindan sus producciones vegetables. Reservaron se para este Libro otras, que requerían más Papel, y tiempo. Las he juzgado importantísimas al paso que exequibles en estas Provincias, que abundan de los Materiales, e Ingredientes para practicarlas.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro VII, 462).

Mas, se, no Tomo I do *Paraguay Natural*, Sánchez Labrador retoma a narrativa que enfatiza a variedade das frutas nativas do Paraguai, as quais, segundo ele, eram saborosíssimas e auxiliavam na manutenção da saúde, no Livro I do Tomo II, não descuida de ressaltar que era “*una delicia caminar por las selvas del Paraguay, pois “recrean al olfato, no obstante la fatiga de casi todo el cuerpo, los fragrantés efluvios”* despendidos pelos bálsamos que brotavam de algumas árvores, as quais, em sua maioria, já haviam sido apresentadas n’*El Paraguay Cathólico*. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro II, p. 107, grifos nossos).

Descrição muito semelhante a esta pode ser encontrada no *Diario del Viaje al Pueblo de los Chanas*: “Día 11: empezó se la marcha a las 6. y media, y paramos entre nueve y diez de la mañana. *Hizo se el Camino ya atravesando espesos bosques, que coronaban hermosos cerros; ya bajando por espaciosos valles, matizados de Yervas, y flores.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 3, p. p. 233, grifos nossos). O encantamento diante da biodiversidade não impediu que o jesuíta advertisse o leitor de que “*Hay otros muchos árboles, cuya noticia extensa omitimos, porque para hablar de todos fuera necesaria una Historia natural de solos ellos.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 5, p. 38, grifos nossos), o que, efectivamente, se concretizaria com a escrita do *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776).

### “Así es, y en mis viajes vi”

A *Tercera Parte d'El Paraguay Cathólico* conta também com excertos de cartas, diários e relatos de viagens realizadas por Sánchez Labrador. Para além das detalhadas informações sobre o relevo, o clima, a flora e a fauna das regiões percorridas, neles encontramos registros de carácter mais pessoal e nas quais o jesuíta relata “Día 18: *No caminé. Llovió mucho.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 215, grifos nossos); “Día 5: *salimos al rayar el sol. (...) Día 6*: *media hora antes de salir el sol, volvimos a caminar (...) Día 7*: *al amanecer caminé (...).*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 221, grifos nossos); “Día 1. de Abril, *pues, salí de San Joaquim, y llegué a San Estanislao al anochecer.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 220); “Día 16. *Como a las 9. empezamos a caminar. Abrimos a fuerza de hacha, y machetes dos medianos bosques, que atravesamos.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 221, grifos nossos); “Día 15: *como a las 8. salimos, y llegamos a la entrada, o boca de un bosque grande a eso de las 12. Volvimos a caminar a la 1. luego entramos en el bosque, del cual salimos a las 3. y media. Hicimos noche apartados de la salida como 2. leguas en tierra alta (...).*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 221, grifos nossos); “Día 17: *A las 9. empezamos a caminar. (...) fue necesario hacer tantos rodeos, por estar muy pantanosa, y con agua, que gastamos todo el día en buscar paso.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 222, grifos nossos).

O jesuíta também informa o leitor que as viagens atendiam a solicitações que recebia de seus superiores e que elas, muitas vezes, sofriam alterações, como se pode observar nas passagens que selecionamos: “*Quando menos imaginado estaba en emprender presto otro viaje (...). Estando Yo ya en la mitad del camino, recibí otra carta, en la cual me ordenaba suspendiese mi viaje, por haber llegado la disposición de nuevo Gobierno.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 51 p. 218); “*En San Estanislao recibí carta del Padre Antonio Miranda, en que me decía, que suspendiese el viaje, porque había ya expirado su empleo.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 51 p. 220). Dentre as viagens que Sánchez Labrador realizou, destacamos a que fez à Assunção. Ao narrá-la, ele não deixa de ressaltar a autoridade do relato, ao afirmar: “*Así es, y en mis viajes vi*”. (SÁNCHEZ LABRADOR 1770, p. 171-172, grifos nossos). E, também, de revelar as motivações para realizá-la, enfatizando, especialmente, a averiguação das condições de transitabilidade do território, como se pode observar nos trechos que grifamos:

Se hacía preciso otro viaje a la ciudad por varias razones. *Una era registrar bien los campos, y caminos en tiempo, que no hay agua, y de este modo averiguar si en los meses de sequía se podía transitar. Otro conferir con el Señor Gobernador, y el Padre Rector el modo de dar prontamente Misioneros a los Mbayas Guetiadegodis, que los deseaban; y también a los Layanas, que fui a ver a sus tierras; y se llaman Chanas.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 45, p. 196, grifos nossos)

O detalhamento das informações fica evidenciado neste registro do vigésimo primeiro dia desta mesma viagem:

*Día 21: salimos a eso de las 6: y a las siete y media pasamos por la orilla de un riacho llamado Poitagua; a las nueve, y media llegamos al arroyo Ipita, terminó hacia el sur de la estancia de Don Sebastián de León. Los muchachos cogieron muchas frutas llamadas Arazas, y en el Paraguay Guayabas: las dos orillas están pobladas de estos arbolillos. Nos recreó la fruta con su agridulce suave.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 45, p. 197, grifos nossos)

O diário da viagem de retorno à redução de Belén também se caracteriza por uma pormenorizada descrição do território, incluindo a flora, a fauna e também os minerais:

*Día 8: salimos después de medianoche. En las vueltas se logró el viento Leste; y antes de amanecer nos pusimos en frente de las tierras de Don Sebastián de León. *Vimos bastantes Pasaros, blancos, del grandor de una Polla. Su ejercicio es pescar; lo que hacen arrojándose con velocidad sobre los Peces chicos.* (...) Aquí mi compañero, y Yo dejamos la embarcación para hacer nuestro viaje por tierra hasta la Reducción.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 46, p. 198, grifos nossos)

*Día 17: Atravesamos la tierra hacia el Poniente; descabezamos por lo más angosto, o por su desagüe el Piripucu, que estaba a nado. La tierra parte inundada, parte cenagosa. Caminamos a buscar la orilla del riacho del Paraguay, en que descansamos unas horas. *Hay aquí mucho Tobati en las barrancas. Esta es una Piedra, que en falta de otros materiales, sirve para blanquear las paredes, que quedan muy bien enjalbegadas. Los Plateros la usan para bruñir la plata.* Dicen, que es una especie de Trípoli.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 46, p. 197, grifos nossos)

*Día 31: (...) Al anochecer llegamos al Presidio de San Roque, dicho de Arecutaqua. *Aquí vi la Fortificación, hecha para en caso, que se acercasen los Portugueses por el río a la ciudad. Es cosa muy pobre de tapia, francesa de pura tierra; su situación es dentro de un Pantano. En medio tiene un manantial de agua, que hace un lodazal toda la plaza. Gastos superfluos. Ni aun para defender la entrada del río Piribebuy sirve, el ingeniero fue una Persona sin letras, ni estudio,**

cuya cabeza no estaba muy consistente. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 46, p. 201, grifos nossos)

Em carta dirigida ao Padre Visitador Nicolás Contucci, Sánchez Labrador não apenas descreve aspectos da região em que foi instalada a redução de Belén, como também menciona o que denominou de “*geografía moral*”:

*A mi arribo a Belén por Junio de 61. escribí a V. R<sup>a</sup>. La mucha distancia de tierras, y la poca comunicación nos privan de las cartas de V. R<sup>a</sup>. frecuentes: estas nos sirvieran de norte seguro en nuestra conducta. Por su situación ocupa este País dilatados espacios entre el Trópico, y la Línea equinoccial. No le faltan ni luz, ni rayos del príncipe de los Astros. Más contemplado a otros visos por su geografía moral, reinan en sus habitadores muy densas sombras, en cuya comparación fueran luces las tinieblas egipcias. (...) La última carta contenía un resumen de algunas cosas de esta Misión de Guaycurus, o Mbayas, desde que llegamos a sus tierras, y la presente dirá a V. R<sup>a</sup>. lo que hasta este mes de Marzo de 62. ha sucedido, digno de participarse. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 225-226, grifos nossos).*

A mesma estratégia narrativa pode ser observada em outra de suas viagens, cujo relato se caracteriza pela especificação do dia e das observações que pôde fazer sobre a natureza, como evidenciado nas passagens que destacamos do manuscrito:

*Día 4: salimos como a las 10. y paramos a las 12. en la orilla del Norte del río Etagadiyadi: cañaveral. El camino es todo por colinas de buen pasto. Atrechos tiene mucha piedra de cal. No se ensancha mucho la tierra, porque a los dos lados tiene bosque, y cerros bastante altos. Las piedras no impiden el camino, ni la fertilidad, y sobresalen poco. (...) En este campo había mucha Rubia, buena para tintes encarnados. El agua del río tiene un sabor algo áspero (...). (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 50, p. 210, grifos nossos)*

*Día 6: salimos entre diez, y once. Todo el camino fue por tierra alta, aunque el campo es estrecho. La primera parte, que sería de unas 2. Leguas tiene bastante piedra de cal. Al Poniente cerca de la serranía chica está el origen del río Etagadiyadi lionigodi, cañaveral pequeño. Nace de una bella laguna de agua permanente. Había en ella muchos pájaros llamados Eboda, Patos, y de otras especies. La segunda parte es de lomas más altas, y más sembradas de piedra. La tercera se hace atravesando colinas bien altas, que correrán como unas 3. Leguas hasta el sitio, en que paramos al anochecer, llamado Nigualengena. Todo el camino parece una especie de callejón, que forman las serranías del occidente, y oriente. En la segunda parte del camino hay una bella laguna, llamada Nibadenadi. Había muchos Papagayos llamados: Naquelgen-iguaga. Mucho Azafrán de la tierra, Rubia, y Guabira miri, y un árbol raro, cuyo nombre es, Guolocolog-iguaga. Es algo más alto, que un Naranja, no tan grueso. Todos los de esta especie estaban hechos unos ramilletes de flores como campanillas, de un color azul muy vistoso, y grandes poco más de una*

pulgada. La Ave llamada Eboda habita en los árboles inmediatos al agua. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 50, p. 210-211, grifos nossos)

Día 8: salimos a las 8. y media, y paramos poco después de las 3. cerca de una laguna de muy mala agua. (...) Hay muchos árboles de Arazas, o Guayabas, de Notiquiguagas, y de Iataybas, con muchas Palmas Cyates. El que se llama Aolo es bien alto, pero descompuesto, la hoja como la del manzano, algo más áspera. La fruta es parecida a una cereza chica; cuando madura su color tira a negro. Tiene poco jugo, y menos carne, pero es muy dulce, y por esto apetecida de los Mbayas, y Chanas de cuya lengua es el nombre. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 50, p. 212, grifos nossos)

Día 22: estuvimos parados hasta que cesó la lluvia. (...) Toda esta cañada tiene agua permanente en abundancia. Los manantiales están en medio de ella en Pozos de Piedra: también está el origen del río Cañaverál pequeño. En el bosque, que cae al Poniente hay muchas Palmas Namogoligi de cogollos dulces. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, § 50, p. 215-216, grifos nossos)

No diário da viagem feita ao *Pueblo de los Chanas*, Sánchez Labrador registrou tanto aspectos da natureza da região, quanto da índole e das práticas deste grupo nativo:

Día 22: a las 8 y media salimos, y llegamos al Pueblo de los Chanas como a las 3. de la tarde. (...) (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 240)

*Todo el camino por los bosques fue molestísimo; la senda es estrecha, y un cenagal seguido, y pantano de tierra gredosa blanquecina. Hay muchos árboles de grandeza correspondiente al terreno húmedo, y fértil, casi siempre caloroso. Hay abundancia de árboles de Palo Santo, del cual hacen palas, con que limpiar los sembrados, y otras cosas. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 240, grifos nossos)*

*La Gente Chana muestra una bella índole, y un genio humilde. El modo, que tienen de labrar la tierra es singular. (...) Cogen Mandioca, Maíz, frisoles, calabazas, Batatas, y tabaco con Algodón. Crían muchísimos Papagayos de todas especies. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 240-241, grifos nossos)*

*Entre las cosas muy particulares, que produce la naturaleza, merece lugar un árbol, que en grande abundancia se cría en el bosque de los Chanas. Su tronco es poco más grueso que el brazo, y se levanta de tres a cuatro varas. Ramificase hacia todos lados con bastante compostura. Las hojas son casi redondas, y tienen como una pulgada de diámetro, gruesas, y jugosas. No pude ver la flor; la semilla está contenida en una cogita triangular, que remata en punta. Todo este árbol al gusto es una sal muy sabrosa. Masticadas las hojas, sueltan*

*un zumo salado, como si en la boca se hubiera tenido un terroncito de sal.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 242, grifos nossos).

No *Paraguay Natural*, o jesuíta também relatou as observações que fez durante sua viagem às missões de Chiquitos, destacando as utilidades da árvore *Ycica* e de sua resina, especialmente, para a saúde. Na região, segundo ele, era possível encontrar essa árvore em quantidade, sendo que este grupo indígena empregava sua resina em “*algunas aflicciones del estomago, y vientre, causadas del frío*”. Sánchez Labrador refere, ainda, que, já instalado em Ravena, encontrou a resina da *Ycica* em uma Botica, acrescentando que: “*En el Paraguay Propio se recoge la Ycica en tanta abundancia, que con ella se pudieran proveer todas las Boticas de España*”. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, Tomo II, Livro III, p. 145, grifos nossos).

Também a introdução e aclimação de plantas européias nos territórios em que missionava ou empreendia suas viagens foram destacadas por Sánchez Labrador, como se pode observar nesta passagem: “*Día 14 de Julio de 1766. Salí de la Estancia de la Reducción a eso de las 9. (...) Hay muchas cañas de las ordinarias de España. Estas no se crían en la América Meridional como plantas propias, sino extranjeras.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 221, grifos nossos).

Na *Parte Tercera* d’*El Paraguay Cathólico*, a ênfase, no entanto, é a de que “*De semejantes plantas, y Yervas utilísimas llenó el criador, todo el País, que ocupan los Guaycurus. Sin embargo reina en todos una universal ignorancia de sus apreciables usos.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 47, grifos nossos). E, ainda, que “*Cuanto hemos dicho de los animales nocivos no contrarresta a la belleza de un País tan extenso, y que ofrece cuantas conveniencias pueden apetecerse para pasar la vida con quietud, y abundancia. Mas está poblado de un Gentío, que apenas aprecia sus calidades sobresalientes.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 78, grifos nossos). Ele não descuida, por isso, de enfatizar a fertilidade das terras “*que claman por gente que las cultive (...)*. Había todos lados hay manantiales, y arroyuelos, que corren al río. Hallase tierra buena para hacer Tejas, Ladrillos, ollas, y cántaros. El agua es buena (...). En el río hay bastante pesca (...).” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 155, grifos nossos). E que, por esta razão, “*No perdíamos ocasión de hablar a los indios ponderándoles las utilidades, que les acarrearía la labor de la tierra.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 164, grifos nossos).

O jesuíta identificou também outras formas de utilização das terras, que não aquelas relacionadas exclusivamente com o cultivo, e, a 10 de janeiro de 1762, fez o seguinte registro:

(...) después de Misa pasé el río Ipané, o Guarambaré, y como a las ocho y media empezamos a caminar por la banda del Sur del mismo. La tierra, que se acerca al Ipané es baja, y con mucho bosque. (...) Acabadas las cañadas salimos a una hermosa Loma, con buenos campos a todos lados. *Pareció capaz de mucho ganado, y efectivamente aquí se mudó después la Hacienda (...)*. (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 194, grifos nossos).

Para além da identificação das potencialidades de aproveitamento das terras, que orientava as viagens exploratórias que realizava, Sánchez Labrador revela também outra motivação para sua permanência, mesmo que temporária, junto aos povos nativos da região: o não comprometimento da evangelização e das reduções que já haviam sido instaladas. As passagens que destacamos abaixo revelam esta preocupação:

*Hecha la diligencia de ver los campos, y las conveniencias, que ofrecían para la nueva Reducción, se convirtieron nuestros cuidados a otro negocio de grande importancia para el entable, y subsistencia. Los infieles Mbayas no eran Labradores, y sin este arte, quedarían siempre expuestos a vagar para alimentarse.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 164, grifos nossos).

Cuando aporté en el Bote a Belén, tuve noticia de que los chicos infieles no se juntaban a oír, y decorar el catecismo, *porque faltando el alimento, se los llevaban sus Padres al campo a buscarle. El único atractivo de estas pobres gentes en la miseria, en que se hallan, es la comida.* Luego se dio providencia para hacerles cocer cada día suficiente maíz, o frijoles, con que conocían que deseábamos sustentarlos. *Ha bastado esto para que otra vez se junten, y oyen con gusto el catecismo, que se les imprime en la memoria.* Si nos faltan los socorros, *todos chicos, y grandes irán a la ciudad, llevados de la necesidad, y acosados del hambre.* (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 167, grifos nossos).

Situações como estas ou de “*imposturas de barbaros infieles*” são registradas na *Tercera Parte*, mas Sánchez Labrador não deixa de ressaltar que as duas primeiras Partes já traziam informações semelhantes: “como se dice en la segunda parte del Paraguay Cathólico (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 162) ou, então, “que ya describí en la primera parte.” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 208), evidenciando que, efectivamente, seu autor as concebeu interligadas e complementares, à semelhança

do que propôs para o seu projeto enciclopédico tripartite constituído também pelos tomos do *Paraguay Natural Ilustrado* e do *Paraguay Cultivado*.<sup>17</sup>

### Considerações Finais

Ao longo das seções que compõem o presente artigo, procuramos, a partir da análise da *Tercera Parte d'El Paraguay Cathólico*, apresentar e discutir as percepções que seu autor, o padre jesuíta José Sánchez Labrador, demonstrou ter sobre a natureza, em especial, sobre a flora, que caracterizava os territórios de missão da Companhia de Jesus na América platina. O missionário, encarregado de realizar expedições exploratórias por seus Superiores, com vistas à evangelização dos nativos e à instalação sustentável de reduções, empenhou-se em apontar a abundância dos recursos hídricos e a fertilidade dos territórios que percorreu, as virtudes medicinais e outros usos de certas árvores e plantas, bem como a possibilidade de as terras serem exploradas tanto através da agricultura, quanto da pecuária.

São inúmeros os registros de *sementeras de maíz, frijoles, sandías, y calabazas* e de plantações de arroz, cana de açúcar, batatas, mandioca, algodão e de outros que mencionam a exploração de tabaco, erva-mate e algarroba com fins comerciais e das tentativas de plantio de laranjeiras e, especialmente, de videiras, pois “Nuestro empeño en esta planta era no hallarnos sin vino para celebrar la Misa.” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 156). Escrita durante o exílio em Ravena, a obra evidencia o pragmatismo e o utilitarismo característicos da Ilustração e se insere no esforço feito também por outros jesuítas exilados de argumentar contra a tese da inferioridade da natureza e das gentes do Novo Mundo e, sobretudo, de apontar para as inúmeras potencialidades de sua fauna e flora.

As descrições feitas por Sánchez Labrador permitem, ainda, reconstituir não apenas os trajetos e a duração das viagens que realizou, como também as dificuldades que os missionários e acompanhantes indígenas encontravam tanto em termos de relevo, navegabilidade dos rios, clima, falta de alimento, ataques de mosquitos, carrapatos e moscas e de outros animais, como cobras e jacarés, que os forçavam a buscar alternativas para chegar ao destino previsto. Também possibilitam desvendar os conflitos e as alianças entre as diferentes nações indígenas – que impediam ou

---

<sup>17</sup> Ver mais em: FURLONG (1931) e OBERMEIER (2025).

favoreciam o deslocamento pelo território – e identificar algumas das principais lideranças, como o cacique Jaime, mencionado em várias situações.

Oferecem também valiosas informações sobre rituais, cerimônias e festividades “*a su modo gentílico*”, práticas alimentares, curativas, extrativistas e de cultivo, as quais nem sempre mereceram avaliações positivas do jesuíta, que descreve os indígenas junto aos quais atuou – com exceção dos Guaraní – como dados ao ócio e à errância. As referências à “*geografía moral*” das regiões que Sánchez Labrador percorreu à pé ou em embarcações pelo vasto território da Província Jesuítica do Paraguai não o impediram, no entanto, de descrever a natureza como “*admirable*”, pois o Criador “*llenó todo el País de plantas, y Yerbas utilísimas.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1770, p. 47), sendo que, na sua percepção, cabia aos missionários orientar os nativos sobre o mais adequado aproveitamento da flora, da fauna, dos minerais e da hidrografia e assegurar que aderissem à agricultura e à pecuária, visando à sustentabilidade das reduções instaladas nos *sertões* da Província.

## Referências

ASÚA, Miguel de. **Science in the Vanished Arcadia. Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Río de la Plata.** Leiden; Boston: Brill, 2014.

BAPTISTA, Javier. “José Sánchez Labrador,” In: O’NEILL, Charles; DOMINGUEZ, Joaquín-María. **Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús**, eds., Vol. 4, Roma: Institutum Historicum SI; Madrid: Universidad de Comillas, 2001, p. 3492-3.

CAPDEVILA Yampey, Rubén Darío. Estudio preliminar del libro Paraguay catholico: harmonioso entable de las misiones delos indios guaranis Gobierno civil, polytico, militar y christiano de sus poblaciones, cuya relación sincera disipa las enormes calumnias divulgadas contra tales misiones. 04.01.2022

[https://www.academia.edu/121481390/Estudio\\_preliminar\\_a\\_la\\_edici%C3%B3n\\_d\\_e\\_El\\_Paraguay\\_Cat%C3%B3lico\\_de\\_Jos%C3%A9\\_S%C3%A1nchez\\_Labrador](https://www.academia.edu/121481390/Estudio_preliminar_a_la_edici%C3%B3n_d_e_El_Paraguay_Cat%C3%B3lico_de_Jos%C3%A9_S%C3%A1nchez_Labrador)

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: um estudo do Paraguay Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776).** São Leopoldo, RS: Editora Unisinos e Oikos Editora, 2015.

- FURLONG, Guillermo. La enciclopedia rioplatense de J. Sánchez Labrador. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideo 5, 236-307, 1931.
- FURLONG, Guillermo. **Los Indios Pampas, Puelches, Patagones según Joseph Sánchez Labrador S.J.**, Buenos Aires: Viau y Zona Editores, 1936.
- GRAMATKE, Corinna. “Huerto y Parayso son voces, que significan “vna misma cosa” La creación de saberes híbridos en el manuscrito inédito *Paraguay Cultivado* de José Sánchez Labrador (1717-1798) In: THUN, Harald Thun; Obermeier, Franz (eds.), **FONTES AMERICANAE**, Kiel: Westensee-Verlag, p. 291-318, 2024.
- HUFFINE, Kristin. Raising Paraguay from Decline: Memory, Ethnography, and Natural History in the Eighteenth-Century Accounts of the Jesuit Fathers. In: MILLONES FIGUEROA, Luiz; LEDEZMA, Domingo. (eds.). **El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo**. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 279-302.
- JUSTO, María Soledad. Paraguay y los debates jesuíticos sobre la inferioridad de la naturaleza americana”. In: WILDE, Guillermo. (ed.) **Saberes de la conversión. Jesuitas, indígenas e Imperios coloniales en las fronteras de la Cristiandad**. Buenos Aires: Editorial Sb, 2011, p. 175-174.
- LAVILLA, Esteban O.; WILDE, Guillermo (eds.), **Los anfibios y reptiles de "El Paraguay natural ilustrado" de Joseph Sánchez Labrador (Ravena, 1776)**. Tucumán: Fundación Miguel Lillo, 2020.
- LOPES DE CARVALHO, Francismar Alex. José Sánchez Labrador e a experiência missionária jesuíta entre os indígenas Eyiguayegui: uma leitura de *El Paraguay Católico* (1770). **Intellèctus**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 160–184, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/86382> Acesso em: 03/08/2025
- LOPES DE CARVALHO, Francismar Alex. José Sánchez Labrador e a experiência missionária jesuíta entre os indígenas Eyiguayegui. Uma leitura de *El Paraguay Católico* (1770). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9961347> Acesso em: 03/08/2025.
- MARTÍN MARTÍN, Carmen; VALVERDE, José Luis. **La farmácia en la América colonial: El arte de preparar medicamentos**. Universidad de Granada, Granada, 1985.

MOLINARI, José Luis. Sánchez Labrador y su contribución a la materia medica rioplatense. **Rev. Méd. Latinoamericana**, año XXIV, n. 277, p. 49-57, octubre 1938.

MORENO, Aníbal Ruiz. **La Medicina en “el Paraguay Natural” (1776-1776) del P. Jose Sánchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original**. Tucuman: Universidad Nacional de Tucumán, 1948.

OBERMEIER, F. La enciclopedia rioplatense del jesuita José Sánchez Labrador del siglo XVIII. El Paraguay natural, el Paraguay católico y el Paraguay cultivado. **IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica**, 12, p. 1-47, 2025.

OBERMEIER, Franz. Eine jesuitische Enzyklopädie des 18. Jahrhundert zum La Plata-Raum. Rekonstruktion des Werks von José Sánchez Labrador über die Jesuitenreduktionen, In: **Auskunft** 37, Heft 2, S. 307-325, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/36216976/Eine\\_jesuitische\\_Enzyklop%C3%A4die\\_des\\_18\\_Jahrhunderts\\_zum\\_La\\_Plata\\_Raum\\_Rekonstruktion\\_des\\_Werks\\_von\\_Jos%C3%A9\\_S%C3%A1nchez\\_Labrador\\_%C3%BCber\\_die\\_Jesuitenreduktionen](https://www.academia.edu/36216976/Eine_jesuitische_Enzyklop%C3%A4die_des_18_Jahrhunderts_zum_La_Plata_Raum_Rekonstruktion_des_Werks_von_Jos%C3%A9_S%C3%A1nchez_Labrador_%C3%BCber_die_Jesuitenreduktionen)

Acesso em: 03/08/2025.

OBERMEIER, Franz. La estructura del Paraguay cultivado de José Sánchez Labrador, manuscrito recién descubierto en la Hispanic Society, New York. Con los Indices del Paraguay cultivado *in facsimile*.

[https://www.academia.edu/49096813/Franz\\_Obermeier\\_La\\_estructura\\_del\\_Paraguay\\_cultivado\\_de\\_Jos%C3%A9\\_S%C3%A1nchez\\_Labrador\\_con\\_los\\_Indices\\_del\\_Paraguay\\_cultivado\\_in\\_facsimile](https://www.academia.edu/49096813/Franz_Obermeier_La_estructura_del_Paraguay_cultivado_de_Jos%C3%A9_S%C3%A1nchez_Labrador_con_los_Indices_del_Paraguay_cultivado_in_facsimile)

SAINZ OLLERO, Héctor; SAINZ OLLERO, Helios; CARDONA, Francisco Suárez; ONTAÑÓN, Miguel Vázquez de Castro. **José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata**. Madrid: Mopu, 1989.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **Paraguay Natural Ilustrado**. Noticias del país, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. 4 Tomos. ARSI (Manuscrito inédito), Ravena, 1771-1776.

SANCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Cathólico. Parte Tercera**. Archivo Historico de la Provincia de Toledo de la Compañía de Jesús. AHPTSJ (Manuscrito), Alcalá de Henares, 1770.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Cathólico (Tomo III)**. Buenos Aires: Comp. Sud-Americana de Billetes de Banco, 1917.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Cathólico**. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910. (2 volumes).

VIALE, A. Comentário Bibliográfico. Science in the Vanished Arcadia. Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay na Río de la Plata. **Rey Desnudo**.

**Revista de Libros**. Año IV, N. 7, p. 49-55, 2015.

*Recebido em Agosto de 2025*  
*Aprovado em Outubro de 2025*